



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

Fernanda de Oliveira Omena

PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA CRIANÇA NEGRA

Rio de Janeiro

2024

Fernanda de Oliveira Omena

PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA CRIANÇA NEGRA

Monografia apresentada à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico em Gerência em Saúde.

Orientadora: Valéria Fernandes de Carvalho

Rio de Janeiro

2024

Fernanda de Oliveira Omena

PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA CRIANÇA NEGRA

Monografia apresentada à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico em Gerência em Saúde.

Banca examinadora:

Valéria Fernandes de Carvalho
EPSJV/Fiocruz

Talita Rosetti Souza Mendes
EPSJV/Fiocruz FME - NITERÓI

Danielle da Silva Leal
EPSJV/Fiocruz

Rio de Janeiro
2024

Saber -se negra é viver a experiência de ter sido marcada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetidas a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades (Santos, 2021, p.46).

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus e aos meus guias, que sempre estiveram comigo e, principalmente, que me dão forças onde quer que eu esteja.

Agradeço à minha mãe, minha melhor amiga, que me deu forças para continuar na escola mesmo nos momentos mais difíceis para mim.

À minha irmã e à minha cachorrinha Íris, que já se foi, mas sei que está superfeliz por mim.

Agradeço à minha orientadora, que sempre acreditou no meu trabalho e ao meu primo André também.

Agradeço também ao meu pai, que sempre acreditou que tudo era possível.

Às minhas melhores amigas, Mônica e Gi, e ao presentinho novo da nossa família, Mayla, minha sobrinha. Por fim, agradeço às minhas amigas que não puderam estar aqui, mas que sempre me deram forças.

RESUMO

A presente monografia objetiva compreender os obstáculos ao desenvolvimento do tornar-se negra na infância, com foco nos desafios quanto aos estímulos nesse processo, e analisar como a literatura afro-brasileira voltada para esse público pode contribuir para a afirmação da identidade das crianças negras. Para tanto busquei compreender como a literatura infantil afro-brasileira pode contribuir para fortalecer o processo de construção e fortalecimento da identidade das referidas crianças. O projeto está baseado na abordagem qualitativa e utilizou como estratégias de pesquisa a revisão da literatura por meio da busca nas bases de dados Lilacs e Scielo, tendo como referência os descritores: criança negra, literatura afro-brasileira e identidade negra.

Palavras-chave: criança negra; identidade negra; literatura afro-brasileira; literatura infantojuvenil; literatura antirracista.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO _____	7
CAPÍTULO 1: TORNAR-SE NEGRA – A IDENTIDADE RACIAL NA INFÂNCIA _____	10
CAPÍTULO 2: LITERATURA INFANTOJUVENIL E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA NEGRA _____	14
CONSIDERAÇÕES FINAIS _____	28
REFERÊNCIAS _____	29

INTRODUÇÃO

A presente monografia objetiva analisar a contribuição da literatura infantojuvenil afro-brasileira para a construção e para a afirmação da identidade da criança negra. O interesse por esse tema surgiu das lembranças da minha infância. Quando somos crianças, apenas queremos ser felizes, brincar, compartilhar brinquedos, ver televisão e não pensar em violência nenhuma. No entanto, essa não é a experiência da maioria das crianças negras, haja vista que, numa sociedade estruturada pelo racismo, como a nossa, as crianças negras aprendem, desde muito cedo, a se auto odiarem, a não se reconhecerem como negras, o que ocasiona, por vezes, a internalização e a reprodução do racismo, levando-as, de forma muito precoce, à desejarem embranquecer-se e, dessa forma, se desvincularem de qualquer traço afrodescendente em função dos livros, dos comerciais, dos desenhos, dos filmes, dos brinquedos e de outras violências racistas, qualificadas de forma equivocada como “brincadeiras”, que têm um teor de fundo racista.

Quando era criança, em 2013, eu me odiava e me lembro detalhadamente disso. Lembro-me, inclusive, de dizer para a minha mãe: “mãe, quero ser branca”! Eu, uma criança negra de apenas 9 anos, já tinha aprendido a odiar meu cabelo e minha cor de pele. Eu, tão pequenina, através da mídia e das influências advindas das minhas relações e dos círculos sociais, já tinha aprendido a me auto odiar.

A violência que eu cometia contra mim mesma por causa de minha cor era horrível, pois falava que queria ser de outra cor e que odiava ser filha do meu pai, um negro de pele clara. Como a sociedade pode causar essa dor a uma simples criança que só queria se olhar no espelho e se sentir bonita? Por que essa dor e essa falta de autoestima? Por que eu me comparava o tempo todo a minha irmã de cabelos lisos e com as minhas tias brancas de cabelo liso?

Nos livros de história e de literatura infantil, me perguntava o porquê de o negro ser sempre “escravo” e porque todas as representações infantis tinham apenas princesas brancas. Minha história preferida sempre foi a da Ariel. Olhava para ela e queria ter cabelos vermelhos, ser branca e principalmente ter “olhos lindos”, iguais aos dela. Sempre observava que nenhuma das princesas eram iguais a mim; sempre tinham diferenças no formato do nariz, da boca ou dos cabelos, nunca tinham pêlos no corpo e, principalmente, não tinham “monocelha”. Pareciam ter uma aparência “limpa”, isto é, para os critérios brasileiros estereotipados racistas.

As primeiras histórias publicadas com personagens negros objetivavam evidenciar as condições subalternas dos negros escravizados, não tendo, neste contexto, nenhuma história que os representassem como protagonistas, ou assumindo qualquer outro papel de importância ou de relevância sob ponto de vista da sociedade da época (Oliveira; Souza, 2015).

Ao me olhar no espelho, via como eu era diferente das crianças de comerciais e das meninas dos livros de histórias infantis, como Pequena Sereia, Cinderela, Branca de Neve etc. Sempre notei que os negros e as negras nos livros de história eram sempre apresentados como “escravos” e, nas narrativas históricas a que tive acesso nas escolas nas quais estudei, os longos e históricos processos de lutas travados pela população negra nos quilombos simplesmente foram ignorados, apagados e invisibilizados. Como eu gostaria de ter visto heróis e heroínas negras que potencializem a minha autoestima e a afirmação da minha identidade negra.

Tinha a sensação de que a forma como retratavam a população negra nos livros de história da escola e nos livros infantis sempre era ou excluindo as crianças e as mulheres negras em uma construção que favorecia o racismo, ou visibilizando de uma forma pejorativa. Heróis como Luiz Gama, Maria Carolina de Jesus, Luísa Mahín, Zacimba Gaba, Aqualtune, Maria Firmina dos Reis, Dandara dos Palmares, dentre outras lideranças, foram invisibilizados devido à sua cor/raça.

Atualmente, depois de séculos de lutas dos movimentos negros, é possível verificar que as crianças negras têm mais acesso a personagens, a personalidades e a outra perspectiva em relação à população negra, apesar de ainda ser um movimento muito incipiente. Dessa forma, o desenvolvimento da autoestima e da reafirmação das identidades das crianças negras está avançando.

O letramento racial antirracista pode fazer diferença na educação infantil, para que, desde cedo, a criança desenvolva a noção de como a estrutura sociorracial pode afetá-la diante da vida, assim como fortalecer as crianças negras diante das violências racistas.

Se houvesse mais crianças, mais mulheres e mais homens negros na mídia, nos livros, nos comerciais etc., orientados por perspectivas antirracistas, haveria maior possibilidade de o público infantil, negro e branco, não produzir nem reproduzir o racismo. Do mesmo modo, haveria mais autoestima num povo que é historicamente excluído e violentado.

O silenciamento e a visibilidade negativa que destróem a construção da autoestima das crianças negras, por um lado, e as iniciativas de publicações antirracistas voltadas para esse público, por outro, me levam à questão-norteadora deste trabalho: como a literatura infantil afro-

brasileira pode contribuir para a afirmação das identidades das crianças negras e para potencializar a luta contra o racismo?

A monografia se baseia na abordagem qualitativa e utilizou como estratégias de pesquisa a revisão da literatura por meio da busca nas bases de dados Lilacs e Scielo, tendo como referência os descritores: criança negra, literatura afro-brasileira e identidade negra.

CAPÍTULO 1: TORNAR-SE NEGRA – A IDENTIDADE RACIAL NA INFÂNCIA

O presente capítulo objetivo analisar o processo de tornar-se negra, com foco na análise dos obstáculos quanto aos estímulos do tornar-se negra na infância.

A construção da identidade da criança tem início nas primeiras relações e nos laços que estabelece com seus responsáveis, com o conjunto da família e, posteriormente, na escola, ao conviver com as/os colegas e os/as professoras. Nesse processo, inicia seu autoconhecimento, sua autodescoberta, seu processo de reconhecimento e de autoafirmação de sua identidade. Assim, esse período deveria ser um momento libertador. Contudo, ser uma criança negra significa, desde muito cedo, entender a dor diante do mundo, diante de olhares que desprezam, que excluem e que violentam.

Segundo Santos (2020, p. 6)

Ratificamos que a formação identitária da criança negra é um processo estritamente complexo já que a sociedade brasileira, tende a depreciar a cultura de matriz africana e a afro-brasileira, assim como inferiorizar os aspectos físicos herdados, onde a discriminação racial acontece de forma silenciosa e mesmo que tentem esconder, o racismo ainda é um elemento estruturante em nossa sociedade.

A infância é algo extremamente precioso para crianças, pois é, nesta fase da vida, que começamos a entender o mundo. O racismo afeta todas as crianças na fase da infância. No que diz respeito às crianças brancas, o racismo as afeta no sentido de potencializar sua autoestima em detrimento da autoestima das pessoas negras, especialmente, em relação às crianças negras; de começar a se compreender como ser humano universal; de começar a desenvolver e a naturalizar sua percepção acerca dos seus privilégios por conta da cor da sua pele e dos demais traços fenotípicos; de começar a aprender a normalizar as violências racistas que já começam a cometer em relação às pessoas negras – mesmo que esse processo ainda não seja consciente.

Segundo Fanon (2020, p. 121)

A família branca é a depositária de uma certa estrutura. A sociedade é efetivamente o conjunto das famílias. A família é uma instituição que prenuncia uma instituição mais ampla: o grupo social ou nacional. Os eixos de referência permanecem os mesmos. A família branca é o lugar em que se é preparado e treinado para uma vida em sociedade.

No que se refere às crianças negras, o racismo as afeta em todas as dimensões da sua vida, inclusive no processo perverso de naturalização destas violências devido à falta de acolhimento, de não caracterização das violências como violências e da reprodução do racismo em relação às pessoas negras.

Numa sociedade racista, a autoestima da criança negra é caracterizada por momentos de muita dor, pois a autodescoberta do mundo e de seu olhar sobre si a machucam, pois há grande probabilidade das pessoas ao seu redor a oprimirem, a desqualificarem, a lhe subestimarem, a rejeitarem e a caracterizarem como “feia”, “horrível”, entre outros adjetivos desprezíveis. Essas violências tendem a produzir, desde muito cedo, nas crianças negras, o auto-ódio, a negação de sua identidade e o desejo de embranquecimento. O sentimento de dor gerado por violências racistas de todas as dimensões impacta o cotidiano da criança negra e gera traumas e dores na fase adulta.

Segundo Bento (2012, p. 99): “(...) a complexidade do ser negro em uma sociedade em que essa condição aparece associada à pobreza, inferioridade, incompetência, feiura, atraso cultural tornam a construção da identidade racial dos negros e negras um grande desafio”. A influência da perspectiva eurocêntrica, que se internaliza desde a infância, tem um impacto profundo e prejudicial na criação da identidade de muitas crianças. Desde os primeiros momentos de contato com o mundo, somos condicionados a entender o que é considerado "bonito" ou "feio", por exemplo.

A cultura dominante impõe estereótipos negativos sobre a aparência negra, o que gera um impacto psicológico determinante na vida da população negra. A criança negra, na maior parte das vezes, questiona sua própria beleza e seu processo identitário, internalizando padrões de inferioridade. Essa construção de identidade distorcida começa desde a infância quando ela tem os primeiros contatos com o ser humano desde bebê e é alimentada por referências que não refletem sua própria cultura.

Segundo Fanon (2020, p 126.)

No mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa. Em torno do corpo, reina uma atmosfera densa de incertezas.

A formação da identidade de uma criança negra começa a partir do entendimento de seu corpo, de suas raízes e de sua ancestralidade. Dessa forma, a criança precisa entender o significado

de sua cor de pele, de seu cabelo, e as heranças que carrega de seu passado. Esse processo envolve a concepção da autoestima e do entendimento de que sua identidade é valiosa. Assim, a valorização da cultura negra e a conexão com suas origens são essenciais para o desenvolvimento de uma personalidade saudável e equilibrada. Esse desenvolvimento da construção da identidade pode ser ainda mais desafiador para a criança negra dentro do contexto educacional brasileiro. Muitas vezes, os responsáveis por essas crianças não têm consciência racial e não tiveram nenhuma oportunidade de conseguir ter acesso à formação da consciência antirracista. Dessa forma, não têm a compreensão plena das dificuldades enfrentadas por seus filhos e por suas filhas nas escolas. Explique por que razão isso acontece. Muitos desses pais tiveram possibilidade de letramento racial, de escolarização pautada no antirracismo, entre outras questões. Ou seja: também são vítimas de racismos outros.

Se entender num mundo tão sombrio e estruturalmente racista não é nenhum pouco fácil, pois a história da escravização de negros, por exemplo, é caracterizada, hegemonicamente, pelos processos de desumanização, de violências e de humilhações sofridas pela população negra - aspectos relevantes para a compreensão da história da formação social brasileira. No entanto, as formas de resistências, de lutas e de todas as contribuições da referida população são invisibilizadas e silenciadas. Figuras importantes nesse processo, tais como Luiz Gama, Maria Firmina dos Reis, Dandara dos Palmares, Zumbi dos Palmares e tantos outros, simplesmente foram, e ainda são apagados dos livros infantojuvenis.

No imaginário social brasileiro, a beleza é frequentemente associada a características europeias, como pele clara, olhos claros e cabelos lisos. Esse padrão estético, estabelecido fora das culturas não europeias, acaba moldando a forma como as crianças se veem e como percebem os outros, através, por exemplo, dos programas dos meios de comunicação, que destacam, majoritariamente, crianças brancas - os livros infantojuvenis disponibilizados para esse público, apesar dos avanços, ainda seguem este mesmo padrão. As crianças negras, quando visibilizadas, são representadas de forma racista e preconceituosa. Para essas crianças, esse processo é ainda mais problemático, pois, muitas vezes, são associadas ao que é considerado "feio", "malvado", "perigoso" e "assustador".

Nesse sentido, entende-se que a existência de livros afro-brasileiros infantojuvenis pode contribuir para que a criança negra se identifique com heróis e com heroínas que lutaram pela liberdade que temos hoje e para conhecer as contribuições da população negra para a construção

da nação brasileira e, dessa forma, contribuir para a construção de sua identidade, de sua afirmação e de seu desenvolvimento de consciência negra crítica.

Segundo Silva Junior (ano), a identidade se refere ao direito, à cidadania, ao direito bem-estar e, principalmente, à saúde acessível e plena. O referido autor destaca, principalmente, para o Plano Nacional de Educação¹, que a educação infantil é a primeira etapa da educação básica e estabelece bases da personalidade humana, da inteligência, da vida emocional e, principalmente, da socialização com os amigos dentro do campo escolar.

A consciência racial é necessária para as pessoas negras se perceberem e se sentirem capazes de ocupar lugares extremamente importantes na sociedade. A afirmação da identidade negra proporciona bem-estar, consciência política crítica e entendimento sobre o lugar ocupado dentro da sociedade e, assim, a compreensão de como e de qual forma podemos mudar isso.

¹. Plano Nacional de Educação. Disponível em: <https://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>. Acesso em: 26 jul. 2024.

CAPÍTULO 2: LITERATURA INFANTOJUVENIL E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA NEGRA

A partir da interação com a literatura, as crianças têm o primeiro contato com narrativas que retratam pessoas, animais, situações e culturas de maneira a reforçar ou a desconstruir estereótipos. Essas influências impactam tanto o inconsciente quanto o subconsciente, moldando percepções, valores e comportamentos que se refletem ao longo de toda a vida. Por isso, vai além do entretenimento, exercendo um papel educativo e formativo.

A literatura infantojuvenil afro-brasileira desempenha um papel fundamental na construção da identidade das crianças, especialmente, no que diz respeito à valorização da cultura e da ancestralidade. Dessa forma, pode ser uma oportunidade para o reconhecimento e para a reflexão sobre a história no sentido de contribuir para os jovens leitores se conhecerem melhor e para entenderem e para refletirem sobre a própria identidade. Essa literatura se torna ainda mais relevante, na medida em que pode contribuir para a formação da autoestima e para a celebração das origens das culturas do referido público. De acordo com Munanga (2020, p. 45),

a literatura infantojuvenil tem o poder de construir uma autoestima positiva nos jovens negros, mostrando-lhes que eles também são sujeitos de suas próprias histórias e que podem ser heróis, protagonistas e realizadores de suas próprias vidas.

Por séculos, a literatura infantil foi marcada pela falta de representações de pessoas negras e pela exclusão simbólica dessa presença nas histórias. A falta de personagens negros em contos, em fábulas e em outras narrativas fez com que muitas crianças negras crescessem sem o conhecimento necessário sobre sua própria história e sobre sua identidade. Essa exclusão histórica e cultural não só limita o acesso a uma visão positiva das crianças negras em relação a si, mas também coloca uma noção distorcida de superioridade e de inferioridade entre as diferentes raças.

Esse fato gera, em muitos casos, um ciclo de rejeição e de internalização do racismo. Ao não se observarem refletidas nas histórias que leem, as crianças negras, inconscientemente, tendem a reproduzir estigmas e preconceitos contra elas mesmas. Assim, a literatura infantojuvenil que valoriza a pessoa negra e as suas origens se torna uma ferramenta crucial para combater esse processo, promovendo uma visão de mundo mais inclusiva, diversa e justa, na qual todas as crianças possam se ver representadas e respeitadas. Araújo e Moraes (2014, p.45) corroboram essa perspectiva, uma vez que apontam que:

A literatura infantil atrelada ao ato de contar histórias, na educação infantil, funciona como importante meio de socialização, de construção da identidade, de transmissão de valores morais e culturais e na formulação de conceitos e no desenvolvimento cognitivo.

O primeiro contato de uma criança com sua identidade racial, geralmente, acontece dentro de casa, com seus responsáveis, que são as primeiras figuras de referência e de afeto. Para as crianças negras, é raro que seus responsáveis compartilhem figuras históricas como Ângela Davis, Luiz Gama, Maria Firmina dos Reis, entre outros grandes nomes da cultura e da luta negra. Na maioria das famílias negras, não se compartilham referências históricas como Ângela Davis, Luiz Gama e Maria Firmina dos Reis com as crianças devido ao apagamento histórico, à educação eurocêntrica, ao racismo estrutural e à falta de visibilidade na mídia. O racismo estrutural pode impactar o reconhecimento e a valorização dessas representatividades. Muitas políticas públicas, como a Lei 10.639/2003, surgem como iniciativas para promover o reconhecimento e a valorização da história afro-brasileira. Essas pessoas representam não apenas resistência e coragem, mas também um exemplo de como pessoas negras conseguiram conquistar um lugar de destaque na sociedade, mesmo em um contexto em que enfrentavam o racismo diário e as ameaças constantes à sua vida. A partir desses exemplos, os responsáveis podem ajudar suas crianças a perceberem que a luta por um lugar de respeito na sociedade é histórica, e que a história negra está repleta de conquistas e vitórias e não só de tristeza e escravidão.

No entanto, muitos responsáveis ainda enfrentam dificuldades em compreender o impacto profundo que o racismo estrutural tem na formação da identidade de uma criança negra. Eles podem não estar preparados para explicar para seus filhos/as as opressões do mundo, a discriminação que, frequentemente, enfrentam e como ela se manifesta no cotidiano. Muitas vezes, o desejo de proteger as crianças faz com que não se fale abertamente sobre o racismo, o que acaba deixando a criança sem ferramentas para lidar com as violências raciais. Esse silêncio, embora feito com boas intenções, pode prejudicar o entendimento da criança sobre seu lugar no mundo e a forma como ela será tratada pela sociedade.

É doloroso perceber que, ao tentar entender quem são e onde se encaixam, muitas crianças negras enfrentam um sofrimento psicológico imenso, causado pela falta de representatividade e pela presença de estigmas negativos. O racismo, que é uma violência recorrente na sociedade, mina a autoestima das crianças negras, afetando profundamente seu desenvolvimento emocional e

psicológico. Quando uma criança negra chega a ler livros de contos de fadas, por exemplo, ela automaticamente deseja se ver representada como uma princesa ou como um príncipe, alguém que faz parte de um mundo de possibilidades infinitas. No entanto, ao não se ver refletida nas histórias, a criança experimenta uma sensação de exclusão.

A ausência de personagens negros nas narrativas infantis cria um vazio que, muitas vezes, leva a criança a desejar ser alguém que ela não é, alguém que se encaixa nos padrões eurocêntricos de beleza e de comportamento. Em muitos casos, os personagens negros presentes nas histórias são distorcidos e retratados de maneira pejorativa, como é o caso da personagem Anastácia, do "Sítio do Picapau Amarelo", que é, muitas vezes, mostrada como uma figura caricata e subordinada, em contraste com as personagens brancas como Narizinho e Emília. Essa representação distorcida afasta a criança negra da possibilidade de se ver como parte da história e da cultura que é digna de respeito e de admiração.

Esse tipo de representação reforça a ideia de que a criança negra não pertence ao universo das grandes histórias, dos contos de fadas e das vitórias. Ao não ver figuras negras de destaque como princesas, heróis ou líderes nas histórias que consome, ela acaba internalizando a ideia de que não há espaço para ela nesses universos. Isso prejudica profundamente sua formação de identidade, pois a criança passa a acreditar que seu lugar não é nas narrativas que celebram o sucesso e a realização pessoal. Isso está profundamente relacionado à autoestima, como observa Pinheiro (2017, p. 102):

A construção da autoestima da criança negra não está apenas no reconhecimento de sua cor, mas na valorização de sua história, de sua cultura e de seu potencial. O processo de autoaceitação envolve saber que a sua identidade é rica e poderosa, apesar das tentativas históricas de apagá-la.

A Lei 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas, é um passo fundamental para corrigir essa lacuna educacional e garantir que as crianças negras tenham acesso a referências positivas que celebrem a identidade racial negra. No entanto, essa lei por si só não é suficiente. É necessário que as escolas, tanto públicas quanto particulares, implementem efetivamente o conteúdo da lei, tornando-o parte integrante do currículo e garantindo que a valorização da cultura negra seja uma prática constante. A educação sobre a história e a cultura afro-brasileira não deve ser algo pontual, mas uma vivência diária que permeia todo o aprendizado da criança.

Além disso, a literatura infantojuvenil afro-brasileira precisa de mais incentivos e de apoio para que sua produção e divulgação cresçam e se fortaleçam. Embora existam alguns autores e obras que tratam da temática racial com sensibilidade e com profundidade, ainda há uma grande necessidade de ampliar o número de livros que abordam a experiência da criança negra de forma positiva e empoderada (Berth, 2018). Essas obras são essenciais para que as crianças negras se sintam representadas e possam se enxergar em personagens que refletem vivências, histórias e potencialidades.

O incentivo à produção literária negra também se reflete em uma maior diversidade de narrativas que atendam a diferentes aspectos da vida e da identidade das crianças negras. Elas precisam ter acesso a livros que contenham suas histórias, que as façam se sentir empoderadas e seguras em suas peles, com seus cabelos e em suas culturas. Esse tipo de literatura contribui para a construção de uma autoestima saudável, permitindo que as crianças se vejam como princesas, príncipes, heróis e heroínas de suas próprias histórias.

Por outro lado, o acesso a essa literatura deve ser ampliado tanto dentro quanto fora das escolas. As bibliotecas escolares, por exemplo, precisam ter coleções que contemplem obras que valorizem as crianças negras e suas identidades culturais. Além disso, é fundamental que os educadores estejam preparados para usar esses livros de forma crítica e reflexiva, criando espaços de discussão e de conscientização sobre as questões raciais, ajudando as crianças a desenvolverem uma visão mais ampla e mais justa do mundo em que vivem.

Por fim, o objetivo de todos esses esforços é criar um ambiente em que as crianças negras possam crescer sem precisar sofrer ou sabendo enfrentar as dores do racismo. Elas precisam se enxergar como partes importantes e valiosas da sociedade, com todo o direito de sonhar e de conquistar seus objetivos sem limitações impostas pelos seus traços fenotípicos. A literatura infantojuvenil afro-brasileira é uma poderosa ferramenta para esse processo de transformação, pois pode ser um meio de afirmação de identidade, de empoderamento e de combate à discriminação racial. Ao fortalecer essa literatura, a sociedade pode contribuir para construir um futuro mais igualitário e mais justo para as próximas gerações.

Silva Jr (2011 apud Santos 2020) destaca que o Plano Nacional da Educação (2014/2024) define a educação infantil como a primeira etapa da educação básica, momento no qual se estabelece a base inicial da personalidade humana, da inteligência, da vida emocional e da socialização. A educação infantil é permeada por influências, porque a criança ainda não tem

convicção do mundo, reproduzindo, dessa forma, falas e até gestos de seus responsáveis e de seus educadores/as.

Ainda de forma hegemônica, os livros voltados para a infância são extremamente favoráveis à manutenção da perspectiva da branquitude (Bento, 2022) e estabelecem um padrão eurocêntrico que afeta as crianças negras. Dessa forma, segundo Araújo e Moraes (2014, p. 8), as crianças negras se deparam com:

Heróis, mocinhas, príncipes e princesas, fadas e outros personagens principais, todos brancos e de origem europeia, levando-a acreditar que os padrões do belo e do bom são esses narrados ou que ela vê nos livros infantis. O que leva a criança branca a se identificar e pensar superior as outras, a estar em uma posição privilegiada em relação às demais etnias. Alimentando na criança negra a imagem de que é inferior e inadequada, a crescer com a ideia introjetada de branqueamento, de que só será aceita se se aproximar dos referenciais estabelecidos pelos brancos.

Quando realizam as primeiras leituras do mundo, as crianças tendem a gostar de parecer com as descrições que lhes foram apresentadas, especialmente, no que se refere à personagens da televisão e de livros como, por exemplo, a Branca de Neve, a Bela Adormecida, a Cinderela, entre outras tantas personagens femininas brancas com padrões europeus e feições totalmente diferentes das populações negras. Segundo Bento (2005, p. 108),

A presença de personagens negros em livros, filmes e programas de TV é essencial para que as crianças negras se vejam como protagonistas em suas próprias histórias, reforçando sua autoestima e fortalecimento da identidade.

As pessoas negras na literatura infantojuvenil não apareciam ou, quando eram visibilizadas, sempre eram apresentadas de forma e em lugares subalternizados (Wedja, 2020). Os personagens negros começam a aparecer no fim da década de 1920 e no início da década de 1930 (Souza, 2005). Contudo, conforme afirmado acima, os personagens negros só apareciam de forma menosprezada e estereotipada (Santos, 2020). As primeiras histórias nas quais aparecem personagens negras objetivavam evidenciar a população negra em condições subalternizadas e, e nas histórias eram caracterizados como inferiores. A literatura infantojuvenil historicamente desconsiderou personagens negros e separou as pessoas negras, sendo estampada de forma estereotipada e subalternizada. Ocorreu porque a produção literária era liderada por editoras brancas, que

reforçavam a visão racista. Na década de 1920 e 1930, sua presença era marcada por inferiorização e estereótipos.

No entanto, a falta de personagens negros não exatamente significava que não havia escritores negros. Pelo contrário, suas obras foram marginalizadas e impedidas pelo mercado editorial e pelo sistema educacional eurocêntrico. Assim, a falta de reconhecimento e circulação da produção reforçou a invisibilidade da literatura negra, os apresentava como protagonista (Oliveira, Souza, 2005). O Sítio do Pica Pau Amarelo, do autor Monteiro Lobato, por exemplo, conforme Wedja (2020), influenciou e atravessou muitas gerações, produzindo e reforçando muitos estereótipos racistas. Essa realidade só mudou depois do século XX, por volta da década de 1980, período no qual as publicações com personagens negras com outras perspectivas começam a ter visibilidade.

Em 1988, ano do centenário da abolição, o Estado brasileiro e a mídia, de forma geral, alardearam muito as comemorações em torno da data. No entanto, os próprios movimentos negros denunciaram que não existia igualdade de fato e que, diante disso, não havia motivos para tantas comemorações. Diante das várias manifestações e das muitas reivindicações dos movimentos negros, a hegemonia das narrativas eurocêntricas na literatura infantojuvenil começa a ser questionada e há um fortalecimento em torno da exigência da inserção da história e cultura afro-brasileira na educação brasileira. Em 2003, a lei 10.639/03 (Brasil, 2003) é aprovada, exigindo o ensino da história e da cultura afro-brasileira em todas as escolas públicas e particulares do país.

De acordo com o artigo, no art 26-A, da referida lei: “Os conteúdos referentes à História e à cultura afro-brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e histórias brasileiras” (p. 12). Nesse contexto, “começa a surgir uma literatura com aspectos que contemplam a história e a valorização do negro sendo a literatura infantil afro-brasileira uma das representações destas perspectivas” (Oliveira, Souza, 2015, p. 11). O fortalecimento da literatura com a valorização das pessoas negras foi extremamente importante para a população negra e para a formação antirracista em nossa sociedade. No entanto, após 21 anos do sancionamento da lei 10.639/03, verifica-se que ainda há um longo caminho a ser percorrido para sua efetiva implementação.

A literatura infantojuvenil afro-brasileira foi criada para contribuir na desconstrução da perspectiva racista que historicamente desumaniza a população negra, através de narrativas construídas pelos colonizadores e que até os dias atuais ainda são reproduzidas na literatura. Pensar

que a literatura não foi criada apenas com esse objetivo, porque os escritores, antes de tudo, estão tendo possibilidade de fabulação, de criação, podendo ou não impactar e conduzir sua escrita para uma crítica social e uma função social apenas. Dessa forma, a referida literatura objetiva colaborar com a ruptura da visão estereotipada e estigmatizada da cultura negra por meio da valorização do protagonismo negro, da visibilidade afro centrada das perspectivas históricas dos povos africanos e afro-brasileiros, assim como de personalidades negras. Nesse sentido, a referida literatura tem uma abordagem pautada na diversidade, rompendo, dessa forma, com a perspectiva e com as narrativas que dão centralidade a personagens brancos.

A literatura infantojuvenil afro-brasileira surgiu (como, quando? Será mais prudente mudar o verbo?): A literatura infantojuvenil afro-brasileira foi uma ferramenta essencial para que a criança negra possa se enxergar nas histórias que lê, promovendo representatividade e senso de pertencimento. Ao longo das décadas, essa literatura ganhou força com a valorização da cultura afro-brasileira, destacando narrativas que apresentam protagonistas negros em diferentes contextos e vivências. Dessa forma, vai além do simples entretenimento, tornando-se um instrumento de enriquecimento da identidade e da autoestima infantil, ao permitir que as crianças negras se vejam refletidas de forma positiva nas páginas dos livros.

Essa perspectiva literária reconhece que a infância é uma fase fundamental no desenvolvimento da identidade racial, especialmente para crianças negras. Desde as primeiras leituras, os pequenos começam a construir sua visão de mundo, interpretar as relações sociais e compreender diferentes realidades. Ter acesso a histórias que representem sua cultura e história ajuda para que cresçam com uma autoimagem fortalecida e uma percepção mais justa da diversidade. Assim, a literatura infantojuvenil afro-brasileira desempenha um papel essencial na formação de uma sociedade mais inclusiva e consciente da importância da pluralidade.

A formação da consciência racial começa desde quando a criança nasce e é denominada com uma cor que não sabe ao certo. Nas escolas, as crianças pardas, por exemplo, são denominadas como “morenas”, e não como negras de pele clara. As professoras e os professores têm grande influência nisso, pois muitos profissionais não tiveram uma formação antirracista, não acessaram o debate sobre o processo de miscigenação e as questões referentes ao colorismo (Devulsky, 2021). Por conta disso, definem a cor parda como “morena” numa tentativa de não afirmar a raça negra das pessoas pardas. Assim, por meio da educação infantil, a identidade advinda da cor da pele é escondida e silenciada pela falta de conhecimento dos professores e da maior parte dos

responsáveis brasileiros, numa tentativa de mascarar o Brasil racista ainda existente. Assim, a construção do estereótipo das pessoas negras se ajusta a um país extremamente racista. Por que isso acontece?

O racismo, a falta de representatividade, a presença de preconceitos e a ausência de um currículo que valorizem a cultura negra é um dos principais fatores que dificultam o desenvolvimento de uma identidade positiva para a criança negra no ambiente escolar.

A educação desempenha um papel fundamental na formação da identidade das crianças, especialmente, das crianças negras que, muitas vezes, enfrentam desafios complexos numa sociedade como a nossa - estruturada pelo racismo. Portanto, é imprescindível que tanto o ambiente familiar quanto as instituições de ensino se tornem espaços de acolhimento, de aprendizado e de ressignificação. “O ensino da diversidade e o respeito à pluralidade racial devem ser inseridos de forma permanente no currículo escolar, para que as crianças negras possam perceber que sua identidade é tão válida quanto a de qualquer outro grupo racial” (Bento, 2005, p. 110).

Os referidos ambientes deveriam ser construídos e elaborados para proporcionar um suporte emocional e educacional para permitir que as crianças negras desenvolvam uma visão positiva de si, refletindo sobre sua herança cultural, sobre sua ancestralidade e suas capacidades – aspectos que, por muitas vezes, são negligenciados.

No contexto familiar, principalmente, os responsáveis têm a responsabilidade de criar um ambiente seguro e amoroso onde as crianças possam se sentir valorizadas. Isso envolve conversas abertas sobre questões raciais, a importância da cultura negra e o reconhecimento das contribuições significativas da população negra ao longo da história. Ao incentivar a autoestima e a autoaceitação, os adultos podem ajudar as crianças a construir uma base sólida para seu desenvolvimento pessoal e acadêmico.

As instituições de ensino, por sua vez, deveriam ser espaços inclusivos de promoção da diversidade e do respeito. É vital que o currículo escolar inclua a história e a cultura afro-brasileira conforme descrito na Lei nº 10.639/2003, apresentando figuras históricas importantes, tradições culturais e as lutas enfrentadas pela comunidade negra. Isso não apenas enriquece o conhecimento dos estudantes, mas também valida a história, a experiência e a identidade negras. Quando as crianças veem suas histórias e suas culturas refletidas no que aprendem, elas se sentem mais conectadas e mais motivadas a participar ativamente de seu processo educacional e,

automaticamente, mais satisfeitas em estudar algo que possa servir de exemplo e de mudança dentro da sociedade, do lugar e da realidade que vivem.

Além disso, a formação de educadores é essencial para que possam lidar com questões raciais de maneira sensível e informada. A formação antirracista pode proporcionar às professoras/es ferramentas necessárias para reconhecer e para combater preconceitos, além de promover um ambiente de respeito mútuo entre todos os estudantes. A conscientização sobre as questões raciais deveria ser uma prioridade nas formações continuadas, garantindo que todos os educadores estejam preparados para abordar esses temas de maneira construtiva.

A valorização da cultura negra deve ser uma prática contínua nas escolas. Isso pode incluir a celebração de datas importantes, como o Dia da Consciência Negra, e a promoção de atividades que incentivem a expressão cultural, como danças, músicas, artes e literatura.

Combater estigmas é outro aspecto crucial nesse processo. Muitas crianças negras enfrentam preconceitos e discriminações que podem afetar sua autoestima e seu desempenho acadêmico. Nesse sentido, é fundamental que a escola atue para criar um ambiente em que todos se sintam livres, seguros e respeitados. Isso pode ser alcançado, entre outras iniciativas, por meio de campanhas de conscientização, discussões em sala de aula e da promoção de comportamentos positivos que celebrem a diversidade.

A valorização da cultura negra nas escolas deve ser uma prática contínua. Isso pode ocorrer por meio da celebração de datas como o Dia da Consciência Negra, atividades culturais que promovam a dança, a música, a literatura, as artes e a produção intelectual afro-brasileira de maneira geral. Esse tipo de abordagem não apenas enriquece o ambiente escolar, mas também ajuda a formar um senso de empatia e respeito dentro da comunidade estudantil.

Os esforços para a valorização da cultura negra no ambiente escolar devem ser incorporados de forma significativa ao material pedagógico. Seja por meio de comemorações, inserção de conteúdos relevantes ou promoção de manifestações artísticas e culturais, é essencial garantir que essas expressões estejam presentes de maneira natural e integrada ao ensino. Além disso, é importante dar visibilidade à produção literária dos intelectuais africanos e afro-brasileiros, incentivando a leitura de suas obras.

Tais iniciativas enriquecem o ambiente escolar e contribuem para o desenvolvimento de uma atitude mais empática e consciente entre os estudantes. Dessa forma, fortalece-se a identidade cultural, promovendo um ambiente educacional mais inclusivo, diverso e respeitoso para todos.

Em resumo, a educação deve ser um espaço onde as crianças negras possam se sentir acolhidas e valorizadas. A conscientização sobre as questões raciais, a valorização da cultura negra e a formação antirracista das/os educadoras/es são elementos essenciais para permitir que essas crianças cresçam com uma identidade positiva acerca de si. Ao promover um ambiente inclusivo e respeitoso, estamos não apenas contribuindo para o desenvolvimento pessoal das crianças negras, mas também para a construção de uma sociedade mais justa, mais igualitária e mais antirracista.

A literatura afro-brasileira é necessária para a criança negra, pois possibilita a valorização de sua história cultural, promovendo a autoestima e combatendo narrativas que destroem sua autoestima. Para todas as crianças, no entanto, ela oferece uma oportunidade de ampliar o entendimento do mundo, construindo uma visão mais diversa, mais inclusiva e mais empática da sociedade. Assim, a literatura infantojuvenil afro-brasileira não apenas diverte, mas também transforma, educa e inspira.

Através da referida literatura afro-brasileira, as crianças têm contato inicial com narrativas que retratam culturas de maneira que podem desconstruir estereótipos. Isso influencia e impacta tanto o inconsciente quanto o subconsciente, moldando percepções, valores e comportamentos que se refletem ao longo de toda a vida. Por isso, vai além do entretenimento, exercendo um papel educativo e formativo. Assim, essa literatura é especialmente crucial para a criança negra, pois possibilita a valorização de sua história, de sua estética e de sua cultura, promovendo autoestima e tirando narrativas preconceituosas e racistas que, muitas vezes, predominam em outros espaços sociais. Para todas as crianças, no entanto, ela oferece uma oportunidade de ampliar o entendimento do mundo, construindo uma visão mais diversa, mais inclusiva e mais empática da sociedade.

Ela é necessária para que, desde cedo, as crianças negras possam se conectar com questões sociais, culturais de forma acessível e que, principalmente, consigam se enxergar dentro daquele meio que podem oprimir ou acolher e não se inferiorizar e sim ser exaltada. Através dessa literatura, as crianças têm seu primeiro contato com narrativas que retratam pessoas, situações e culturas de maneira que pode tanto reforçar quanto desconstruir estereótipos sociais, raciais e culturais. Essas histórias são capazes de dialogar com as experiências vividas pelas crianças e, simultaneamente, apresentar realidades diversas, promovendo uma visão mais ampla e mais enriquecedora do mundo. Esses conteúdos literários influenciam profundamente não apenas o inconsciente, mas também o subconsciente, moldando percepções, atitudes, valores éticos e comportamentos que podem refletir ao longo de toda a vida, tanto na esfera individual quanto nas interações sociais.

a literatura infantojuvenil afro-brasileira desempenha um papel essencial na formação das crianças indo além do entretenimento e assumindo uma função que descreveria como educativa e essencial para uma mente desconstruída. Por meio dessas narrativas que mostram a diversidade cultural e a herança histórica da população negra, essas obras promovem a valorização da identidade da criança negra e ensinam lições de respeito e principalmente a empatia. De forma geral, as crianças fortalecem sua autoestima, mas também respeitam e entendem a importância dessa leitura para a sociedade. Esse processo contribui para uma sociedade mais justa, onde a diversidade é estruturada e não marginalizada.

Quando bem utilizada, ainda mais para a criança negra, a literatura infantojuvenil negra e afro-brasileira oferece um espaço acolhedor e aconchegante para a reflexão sobre valores de sua pele e a importância que precisamos dar de forma significativa para a formação da cidadania e para a promoção de direitos fundamentais. Nesse contexto, a literatura pode ser um poderoso agente de transformação social, especialmente, quando se propõe a desconstruir estereótipos e promover a diversidade.

A literatura infantil, quando adequadamente influenciada por temas que abordam a pluralidade e a igualdade, pode ser um aliado crucial na construção de autoestima e das identidades de crianças, especialmente, aquelas que pertencem a grupos historicamente marginalizados. Em particular, a representação de crianças negras na literatura é uma questão de grande relevância, pois, muitas vezes, elas são sub-representadas ou representadas por estereótipos que distorcem a realidade de sua cultura e de sua história. A importância de livros que apresentem personagens negros com histórias autênticas e empoderadoras é inegável. Através dessas histórias, as crianças negras podem se ver refletidas em suas próprias características físicas, culturais e históricas, sem a necessidade de se compararem com modelos de beleza e de comportamento que, muitas vezes, são alienantes e excludentes.

A construção de uma literatura inclusiva e representativa é essencial para que as crianças negras, desde cedo, possam se sentir bem consigo mesmas, reconhecendo sua beleza e sua singularidade, sem a imposição de padrões estéticos e comportamentais que não correspondem à sua realidade. A imposição do ideal de "princesas" brancas e com traços europeus, por exemplo, é um reflexo de um racismo estrutural que ainda permeia as narrativas infantis. Quando as crianças negras se deparam apenas com essas representações, elas acabam internalizando um senso de inferioridade, que pode afetar sua autoestima e sua visão de mundo.

Portanto, a literatura infantojuvenil tem o papel crucial de trabalhar a identidade e a valorização da criança, permitindo-lhe compreender seu lugar no mundo de forma positiva e inclusiva. Livros que representam crianças negras com características que celebram sua cor, seu cabelo e sua cultura ajudam a fortalecer a ideia de que todas as pessoas são igualmente valiosas

A literatura pode, assim, ser uma ferramenta poderosa na luta contra o racismo, já que permite à criança negra se reconhecer e sentir-se empoderada, ao mesmo tempo em que educa as demais crianças para a importância da igualdade racial.

Além disso, a literatura tem um papel educativo muito grande impacto, pois ajuda na desconstrução de preconceitos e na identidade racial da igualdade. Ao apresentar diversas culturas, histórias e personagens, principalmente, de forma positiva, quando falamos em personagens históricos importantes, muitas vezes, pensamos em Zumbi dos Palmares, porém, quando estudamos, percebemos tantas outras pessoas negras que foram e são importantes para a história do Brasil e outros países: Luiz Gama, Maria Firmina dos Reis, Dandara dos Palmares, Angela Davis, Maria Carolina de Jesus, entre outras pessoas importantíssimas, vemos como as histórias infantis ou histórias infantojuvenis não mostram a importância e relevância desses heróis.

Quando tive acesso ao meu primeiro herói negro que foi Luiz Gama, fiquei encantada com sua história e com sua luta para conseguir estudar e para contribuir para libertar outras pessoas que eram escravizadas na época. Dessa forma, considero que a maior divulgação e a maior promoção por parte das editoras de livros, nessa perspectiva, é fundamental para a formação da consciência antirracista e afirmação da identidade negra. Quando as crianças se veem representadas positivamente em histórias que abordam suas realidades, elas se tornam mais propensas a desenvolver um sentimento de pertencimento e de orgulho por sua identidade. Isso é fundamental para a formação de uma sociedade mais justa e mais igualitária, na qual todos possam ter suas histórias contadas e reconhecidas. “A ausência ou a presença estereotipada de personagens negros na literatura infantil contribui para o silenciamento de sua identidade, destacando a urgência de novas narrativas que celebrem a diversidade e desafiem estruturas racistas” (Lima, 2005, p. 139-152).

Nesse sentido, a literatura infantojuvenil também deve estar atenta à diversidade de experiências dentro de todos os lugares e, principalmente, com pessoas negras, evitando que haja uma diferença das vivências e desigualdade racial e culturais. É necessário que a literatura venha trazer realidade diferentes aspectos da vida das crianças negras, fazendo com que as questões como

a história afro-brasileira, o respeito pelas tradições culturais e a luta contra o racismo e, principalmente, celebrando o cotidiano, os sonhos e as aspirações dessas crianças de uma maneira que valorize a criança negra. Como diz Santos (2020, p. 14), “[...] a literatura infantojuvenil afro-brasileira contribui para que as crianças negras se reconheçam em suas histórias, promovendo a construção de sua identidade e o fortalecimento de sua autoestima racial”.

Portanto, a literatura infantojuvenil deve ser uma ferramenta essencial para o processo de construção de uma sociedade racialmente justa. A representatividade de forma digna e positiva contribui para a construção de uma autoestima sólida, que as prepara para enfrentar os desafios do mundo com convicção de sua identidade. Além disso, ao educar as crianças para o respeito à igualdade racial possibilita a formação de uma geração mais consciente, mais empática e mais comprometida com a igualdade racial. A literatura infantojuvenil afro-brasileira pode contribuir para transformar a sociedade, pois, ao criar um ambiente de pertencimento e de valorização para as crianças negras, contribui para a construção de um futuro mais justo para todos. Há um ponto importante aqui: é preciso entender o escritor e a escritora de literatura afro-brasileira como produtores de conhecimento, como referências de intelectualidade a partir da fabulação, inclusive, para crianças negras. Ou seja, não é só o tema que fortalece a criança, mas o saber que existe alguém de referência, inclusive, para que ela escreva, para que ela compreenda a existência dessas pessoas...

A construção da autoestima da criança negra é um processo essencial e contínuo, que se inicia dentro de casa e se estende ao ambiente escolar. Em casa, a família tem o papel primordial de apresentar à criança suas raízes, seus valores culturais e o orgulho de sua identidade racial. Ensinar sobre heróis negras que marcaram a história, mostrar histórias que valorizem a ancestralidade africana e apresentar um ambiente acolhedor e afirmativo são atitudes que fortalecem o senso de pertencimento e autovalorização desde os primeiros anos de vida.

Quando a criança se sente aceita e amada em sua família, ela desenvolve uma base firme para lidar com os desafios externos, principalmente, os lugares que, muitas vezes, ela terá contato com o racismo de forma intensa

Na escola, o papel dos educadores é igualmente fundamental. Tal espaço, como formador de pensamento crítico e caráter, deve promover a representatividade nas práticas pedagógicas e no material didático. O uso de conteúdos que retratem figuras negras em papéis de destaque, assim como a celebração de datas que valorizem a cultura afro-brasileira, contribui significativamente

para o fortalecimento da autoestima da criança. Além disso, a mediação de conflitos e a educação contra o racismo e preconceito dentro da escola ajudam a construir um ambiente mais seguro e mais inclusivo. Assim, a criança aprende a respeitar sua identidade e a dos outros.

Outro aspecto importante é a convivência social que ocorre nesses espaços. Tanto na escola quanto na comunidade, as relações com colegas e com amigos podem influenciar diretamente na maneira como a criança enxerga a si.

A construção de amizades baseadas no respeito e na empatia é essencial, mas cabe aos adultos garantirem que o ambiente seja saudável e combata qualquer tipo de discriminação. A criança negra, quando cercada por modelos positivos e de apoio, sente-se mais confortável para expressar quem realmente é e desenvolver sua personalidade de forma plena e autêntica.

Por fim, é importante destacar que a sociedade, como um todo, precisa assumir a responsabilidade de construir uma realidade na qual a autoestima da criança negra seja naturalmente elevada. Isso passa por iniciativas públicas e privadas, que devem atuar na valorização da diversidade e na promoção da igualdade racial. Políticas educacionais que incentivem a formação de professores para lidar com a diversidade, as campanhas que enalteçam a beleza e as conquistas da população negra e o combate sistemático ao racismo estrutural são passos fundamentais. Somente com esforços conjuntos entre família, escola e sociedade será possível formar crianças negras seguras, orgulhosas de suas origens e plenamente conscientes de seu potencial transformador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho é baseado como é importante a literatura infantojuvenil afro-brasileira, principalmente, focado na igualdade racial de livros infantojuvenis, ao promover a valorização da identidade da criança negra e combater estereótipos racistas. Ao explorar como essas narrativas podem construir a autoestima da criança negra e aumentar a consciência racial destaca-se a necessidade de ampliar o acesso a essas obras, fortalecendo práticas educativas e culturais, aumento de livros principalmente que contribuem para seu autoconhecimento e autoestima.

O Trabalho tem grande importância da literatura infantojuvenil afro-brasileira, especialmente no direcionamento da igualdade racial e na valorização da identidade da criança negra, possui significativamente uma retribuição tanto para as esferas acadêmicas e principalmente para a sociedade. A contribuição para o direcionamento acadêmico fornece bases teóricas e metodológicas para estudos da em educação, literatura infantojuvenil negra e ciências sociais. Pode influenciar currículos escolares incentivando a inclusão principalmente de obras afro-brasileiras na educação infantil e fundamental. Socialmente o trabalho acrescenta para a desconstrução de estereótipos racistas fazendo com que a sociedade seja mais igualitária, o estudo tem intuito de incentivar políticas públicas voltadas para distribuição e acessibilidades de livros que retratam positivamente a identidade da criança negra

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Jurandir de Almeida; MORAES, Rossival Sampaio. **A Relevância em se Trabalhar a Literatura Infantil Afro-Brasileira na Educação Infantil**. Disponível em www.africanias.com (2014).

BENTO, Maria Aparecida Silva. **A identidade racial em crianças pequenas**. In: Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais Bento, / Maria Aparecida Silva (org.). São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, 2012, pp.98-117.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **O Pacto da branquitude**. São Paulo. Companhia das Letras, 2022.

BERTH, Joice. **O que é empoderamento**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BRASIL. Presidência da República. **Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências.

DEVULSKY, Alessandra. **Colorismo**. São Paulo: Jandaia, 2021.

FANON, Franz. **Pele Negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

GANCHÓ, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 1991.

LAKATOS, Eva; MARCONI, Marina. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Atlas, 1992.

MUNANGA, Kabengele. **A literatura infantojuvenil e o combate ao racismo nas escolas**. São Paulo: Editora XYZ, 2020.

SANTOS, Wedja Maria da Conceição. **O papel da literatura infantojuvenil afro-brasileira na construção da identidade da criança negra no contexto da educação infantil**. Disponível em: https://repository.ufrpe.br/bitstream/123456789/3819/1/tcc_art_wedjamariadaconceicaoasantos.pdf. Acesso em: 29/09/23

SOUZA, Adriana Ribeiro de; OLIVEIRA; Alaís Lima de. **Literatura Infantil Afro-Brasileira? A Construção Identitária Em A Cor Da Ternura De Geni Guimarães**. Jacobina- Bahia 2015.

SANTOS. W. M. C. **O papel da literatura infantojuvenil afro-brasileira na construção da identidade da criança negra no contexto da educação infantil**. Recife, 2020

SOUZA, N. S., **Tornar-se negro: As vicissitudes da identidade brasileira em ascensão social.** Rio de Janeiro: Edições Graal, vol. 4, 1983.

OLIVEIRA;SOUZA.A representação dos negros na literatura brasileira.2015.p.25

A formação identitária da criança negra e o papel da escola na construção da identidade racial:santos 2020, pag 6 2020

BENTO,Carlos Rodrigues.A importância da representatividade na literatura infantil.2005.p110

LOURO,Guacira Lopes.O que é ser negro? A construção da identidade racial e a educação,página 99,2012 (segundo bento)

LIMA,a literatura infantil e a construção da identidade negra.caderno de pesquisa,v.35,n.126.p.139-152,2005

OLIVERIA,SOUZA .A representação da população negra brasileira . 2005

OLIVEIRA;SOUZA.A representação do negro na literatura infantil: a construção de uma identidade afro-brasileira;2015

MUNANGA,Carlos Alberto.o papel da literatura na construção da identidade racial de crianças e jovens negros. 2020

ARAUJO;MORAES.A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO DE VALORES NA EDUCAÇÃO INFANTIL. 2014